



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO GRAFFITA!TRANS:  
TRANSFORMANDO TERRITÓRIOS COM GRAFFITI, TURISMO E  
SOCIOEDUCAÇÃO**

Klaus Antônio Maria Gonçalves Miranda

BRASÍLIA  
2023



**UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO GRAFITA!TRANS:  
TRANSFORMANDO TERRITÓRIOS COM GRAFFITI, TURISMO E  
SOCIOEDUCAÇÃO**

Klaus Antônio Maria Gonçalves Miranda

Monografia apresentada ao Curso de  
Turismo da Universidade de Brasília, como  
requisito parcial para a obtenção do Título  
de Bacharel em Turismo.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena (Orientador) - UnB

---

Profa. Dra. Donária Coelho Duarte (Avaliadora) - UnB

---

Prof. Dr. Thiago Sebastião Melo (Avaliador) - UnB

BRASÍLIA  
2023

“Ter-se deparado com a morte quando ainda nem bem vivia talvez explique por que ele existe primariamente por meio do olhar. Talvez as estrelas tenham lhe concedido a sorte de deter cidadania simultânea em diferentes reinos: o dos vivos e o dos mortos.”

**Nuruddin Farah - Mapas**

## AGRADECIMENTOS

Minha jornada na graduação foi muito difícil do início ao fim. Por isso tenho muitas pessoas a agradecer por ter chegado até aqui. Primeiro agradeço Exú por me guiar em todas as encruzilhadas. Agradeço a malandragem, as pombagiras e a todos os meus povos que sempre me seguraram na queda. Agradeço aos meus ancestrais, em especial a minha mãe, minha avó e minha bisa. A curiosidade ardente de vocês corre nas minhas veias também e foi o que me levou a desbravar esse mundo enorme da academia. Agradeço a Universidade Pública, UnB, que apesar dos apesares possibilitou essa enorme vivência.

Aos meus transcestrais, em especial Matheusa Passareli e Demétrio Campos, que apesar da distância me tocaram de maneiras profundas com suas artes e encantaram jovens demais, como muitos de nós. À Verônica Moreno, minha matriarca teatral, responsável por me enxergar e nutrir quando nem eu mesmo era capaz disso. Ao Francisco Bacana, grande malandrão do curso de turismo, que me ensinou a ser firme e forte mesmo no meio de tantas tempestades. Ao Ray Luz, o Exú do Absurdo que me ensinou que alguns encontros são eternos no nosso coração. À Tia Vânia Nogueira, que me ensinou sobre a lindeza de beber da vida a goles apaixonados. Entrego essa monografia por vocês também, porque vocês vivem em mim.

Agradeço aos amigos que me acompanharam e deram aquela força pra eu não desistir. Aos bichinhos de estimação que remediaram o sofrimento através do afeto. Agradeço ao Hip-Hop, em especial a cena do Graffiti, que é linda, forte, e foi a família que eu precisava, tantas e tantas vezes. E agradeço ao Diadorim Silva. Você sabe que esse projeto nunca teria acontecido sem a sua participação. Agradeço à toda a equipe do Grafita!Trans, em especial a Likidah e Raxixxa.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim mesmo por ter mais força do que é humanamente possível, por nunca quebrar diante das maiores frustrações e desafios, por ter os olhos sensíveis para aquilo que não se vê facilmente e por sempre pensar fora da caixinha. Cheguei mais longe do que pensava, e isso é só o começo. Ainda bem.

## RESUMO

A arte, o Hip-Hop e a transgeneridade têm sido há tempos objeto de conflito e desejo dessa sociedade ainda tão distante de fazer as pazes consigo mesma, e são marcadores que movimentam pessoas, ideias e dinheiro através do Brasil. Os conflitos sociais evidentemente costuram uma ferida apertada e dolorosa sobre a experiência, tanto de pessoas trans viajando através do mundo; como também nas limitações e desafios da realização da primeira edição do projeto Grafita!Trans, em Samambaia; e em nossos cotidianos, das mais adversas formas. Este trabalho é um registro de memória em dois tempos: primeiro, o resgate documental e bibliográfico do passado que não permitiram que fosse registrado sobre a população trans no Brasil, demarcando que a mesma também sempre existiu através dos tempos. Segundo, o registro de um dispositivo de ocupação da rua para corpos marginalizados em um tempo mais presente. O Grafita!Trans pôs em prática o graffiti, tecnologia essa que nos permite transformar a cidade enquanto nos conectamos com as histórias ancestrais que passam a ser contadas pelos muros e acessadas através do turismo, quando o evento extraordinário faz com que um indivíduo passe a se sentir parte do todo e acessar aspectos emocionais de uma maneira completamente diferente de seu cotidiano. Os graffitis foram realizados pelas pessoas trans que participaram de três oficinas formativas de sensibilização nesse sentido. A criação desse projeto gerou a aplicação de uma metodologia pedagógica que foi realizada também em outros projetos independentes, como o banheiro neutro do Centro de Excelência em Turismo da UnB, e o leilão por mais tintas. Através da transformação do espaço, estimulamos a transformação da comunidade ao reconhecer o valor de falar sobre diversidades e mundos mais acolhedores.

## LISTA DE FIGURAS, MAPAS E GRÁFICOS

<b>FIGURA 1</b> - Linha do tempo de marcos de institucionalização da transfobia no Brasil.....	22
<b>FIGURA 2</b> - Estudantes e equipe do projeto Grafita!Trans sentados em roda na sala de aula.....	27
<b>FIGURA 3</b> - Estudante folheia material didático em primeiro plano.....	28
<b>FIGURA 4</b> - Foto em close do material didático em formato de zine.....	28
<b>FIGURA 5</b> - Klaus Miranda (professor) demonstra um exercício de treino de técnicas.....	29
<b>FIGURA 6</b> - Estudante realiza exercício de primeiro contato com spray freestyle....	29
<b>FIGURA 7</b> - Estudantes e equipe do Grafita!Trans sorriem para a foto.....	30
<b>FIGURA 8</b> - Professor e monitores estão à esquerda da foto explicando algo.....	31
<b>FIGURA 9</b> - Banners apoiados em cavaletes preenchem a imagem.....	32
<b>FIGURA 10</b> - Em primeiro plano, estudante está concentrado enquanto manipula o spray .....	32
<b>FIGURA 11</b> - Estudantes estão reunidos em volta do professor.....	33
<b>FIGURA 12</b> - Close no desenho do caderno do professor.....	34
<b>FIGURA 13</b> - Três estudantes com largos sorrisos nos rostos recolhem seus kits...34	
<b>FIGURA 14</b> - Em primeiro plano, mão da estudante.....	35
<b>FIGURA 15</b> - Monitor do curso, Gai está agachado enquanto contorna.....	36
<b>FIGURA 16</b> - Graffiti de colibri no estilo mangá.....	36
<b>FIGURA 17</b> - Graffiti de colibri vermelho feito pelo estudante.....	37
<b>FIGURA 18</b> - Klaus está agachado.....	37
<b>FIGURA 19</b> - Estudante Rodrigueiz está em primeiro plano ao lado da estátua.....	38
<b>FIGURA 20</b> - Estudantes grafitam em volta de pilastras.....	38
<b>FIGURA 21</b> - Estudantes grafitam em volta da pilastra, um deles, Shaos, sorri.....	39
<b>FIGURA 22</b> - Imagem mostra como a estátua ficou mais colorida depois da intervenção coletiva.....	40
<b>FIGURA 23</b> - Estudante Dani desenha um colibri azul e rosa.....	41
<b>FIGURA 24</b> - Em primeiro plano estão latinhas de spray. Estudantes realizam graffiti.....	41

<b>FIGURA 25</b> - Graffiti de Kaus Total. Persona pretinha com bigode fininho, cheira um buquê.....	42
<b>FIGURA 26</b> - Foto de equipe e participantes em frente ao muro azul.....	43
<b>FIGURA 27</b> - Estudantes realizam seus bombs no muro em diálogo com a comunidade.....	43
<b>FIGURA 28</b> - Equipe e estudantes estão sentados na calçada em frente a parede revitalizada.....	44

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.2. DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	9
1.3. PERGUNTAS INICIAIS.....	11
1.4.OBJETIVO GERAL.....	11
1.5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.6. JUSTIFICATIVA.....	12
1.7. METODOLOGIA.....	12
<b>2. PRIMEIRA PARTE: UM TOUR PELA HISTÓRIA DA TRANSFOBIA NO BRASIL.....</b>	<b>13</b>
2.1. O MITO DO SEXO.....	13
2.2. O MITO DA LÍNGUA.....	17
2.3. O MITO DO CORPO.....	19
<b>3. SEGUNDA PARTE: O GRAFITA! TRANS.....</b>	<b>23</b>
3.1. OBJETIVO ESPECÍFICO DAS OFICINAS.....	26
3.2. OBJETIVOS GERAIS DAS OFICINAS.....	26
3.3. RELATÓRIO DAS AULAS.....	27
<b>4. DESDOBRAMENTOS DAS INTERVENÇÕES DO GRAFITA! NO ESPAÇO-TEMPO.....</b>	<b>44</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>50</b>

**Grafita, Trans!**  
**TRANSformando o território com Turismo, Graffiti e Socioeducação**

## **1. INTRODUÇÃO**

No fim de 2017, encontrei o graffiti como uma possibilidade de ressignificar meus pontos de vulnerabilidade. O graffiti ajudou a me reacender, a perseguir minha independência financeira, permanecer na universidade, e parar de me sentir tão invisível onde eu passava a maior parte do tempo: nas ruas. Adoto aqui esse formato de escrita da palavra para abrir o meu texto, em respeito aos pioneiros da cena, que consideram essa a forma original e mundial de definir a linguagem de se grafitar. Os nomes para a linguagem do Graffiti também podem ser escritos em outros formatos (grafite, graff, ou mesmo pixo, a depender do nível da técnico do debate, que é mais aprofundado nas ruas entre os próprios participantes da cultura), e essa variedade de formatos de palavras também é um reflexo do cinquentenário da cultura Hip-Hop no mundo.

Com o tempo, entrei em contato com a TRANSCREW, porém ali haviam poucas pessoas que realmente conseguiam pintar na rua, por diversos fatores, mas principalmente por medo, por não se sentirem capazes de ocupar ela. Aquilo me incomodava, assim como o fato de nunca ter conseguido trabalho formal na minha área. Todos os meus colegas conseguiram estágios e eu vou me formar sem ter sido chamado para nenhum, além do estágio supervisionado obrigatório da grade, devido a minha identidade de gênero. Fui o único trans do meu curso por muito tempo, e essa invisibilidade estrutural se reflete também em um mercado de trabalho hegemônico, e em pouco acesso da minha população a direitos humanos como segurança alimentar, de moradia, de convívio social, de saúde, educação, o direito de envelhecer, etc.

Quando comecei a pensar no meu TCC o sentimento de que precisava falar sobre pessoas trans e direito à cidade era urgente. Sentia que precisava deixar algum registro disso que resistiu comigo ao longo de muitos anos de graduação. Assim comecei a escrever o que pretendia que fosse um manifesto para conscientizar os equipamentos turísticos sobre a urgência da pauta. Esse trabalho obviamente seria muito mais extenso que uma monografia, e foi só depois de quase um ano de pandemia que percebi: ora, se eu precisava que alguém fizesse algo para mudar essa situação de suposta inexistência causada pela invisibilidade, por que não tentar fazer algo eu mesmo com as ferramentas e conhecimentos que adquiri ao longo do curso de turismo?

Me debrucei sobre esse novo desafio: idealizar e realizar um projeto que promovesse a inclusão e a visibilidade de pessoas trans na sociedade, através do turismo, da socioeducação e da arte. Assim nasceu o Grafita!Trans, no auge da pandemia de COVID-19. Esse estudo de caso é mais que meramente um registro desse projeto, é também uma teia de conhecimento em resistência marginal coletiva.

Ao longo deste trabalho, irei utilizar sempre que possível uma linguagem mais informal e de gênero neutro, como forma de manifestar o quinto elemento do Hip-Hop, o conhecimento. A linguagem deve ser acessível aos meus, pois a cultura viva vem das quebradas. O conhecimento sequenciado pelas universidades também provém desses lugares, muitas vezes sem promover o protagonismo devido aos sujeitos. Nessa pesquisa, busco fazer o contrário, transformo o mundo enquanto sujeito marginal que *hackeia* ferramentas acadêmicas para o lado de cá do poder.

Houve diversos desafios durante o fomento desse cenário. O elevado volume de trabalho sobrecarregou a equipe, já reduzida por diversos fatores estruturais, e que não tinha a possibilidade de dedicar seu dia somente à realização desse projeto. Uma semana antes do início do projeto, toda a equipe da administração regional de Samambaia foi afastada, e houve dificuldade de apoio e alinhamento com a nova equipe que entrou, por serem um grupo ainda mais conservador. Também houve dificuldade com o entendimento dos processos burocráticos da secretaria de cultura, que foram contornados com o acompanhamento mais detalhado e diálogo sobre o projeto e entrega de relatórios. O período inicialmente definido de um mês para a pós-produção, realmente se mostrou muito curto, e penso que depois dessa jornada, as oficinas provavelmente deveriam ser reduzidas para apenas três, em formato de residência ou imersão em um fim de semana.

Mesmo com todas as dificuldades, o projeto foi uma abertura de caminhos profissionais e afetivos. Uma encruzilhada onde pude piratear o conhecimento para nutrir a minha comunidade. E afirmo o sucesso dessa pesquisa, quando dentro ou fora da universidade desejo continuar pensando em formatos de intervenções urbanas coletivas que agitem o movimento e a transformação de pessoas e ideias.

## **1.2 Delimitação do Tema**

O turismo é um acontecimento cultural multifacetado que perpassa a criação do desejo, do contato com o novo, a quebra da rotina, da regra. Como podemos perceber através da obra Sociologia do Turismo:

A possibilidade de sair, de viajar,[atualmente] reveste-se de uma grande importância. Afinal, o cotidiano só será aceitável se pudermos escapar dele, sem o que, perderemos o equilíbrio e adoecemos. O lazer, e

sobretudo, as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da nossa existência. Eles devem reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida. (KRIPPENDORF, 2002. p.34)

A cultura é algo que se constrói de forma diferente em cada sociedade de acordo com suas características endêmicas: história, geografia, espiritualidade, linguagens e signos. Assim cada cultura tem suas características únicas, que se diferenciam das demais e que podem ser abordadas turisticamente, geralmente de forma a reproduzir as dinâmicas capitalistas de exploração do território e concentração de recursos na mão da elite. Mas há uma esperança na curva do caminho. Assim como existe uma forma latifundiária de turismo, também é possível manejar o turismo de diversas formas não-hegemônicas, para que essas culturas e essas sociedades tenham mais ferramentas de preservação e memória. Pessoas trans são parte da miríade de possibilidades de se ser do ser humano, já que existiram sempre nas diversas sociedades do mundo, e são uma população que deve ser protegida e celebrada em sua diversidade de histórias.

Porque a colonização também serviu para apagar registros históricos e perseguir muitos modos de vida não hegemônicos. Há muita informação que se perdeu, que não se registrou pelo filtro da história. A própria forma moderna do turismo de massas, se baseia em sistemas de colonização e hegemonia. Sabemos que diversas civilizações antigas tinham seus rituais de viagens e se relacionavam de formas únicas com esse fenômeno. Tanto que na Grécia Antiga, havia um Deus das Viagens, pois isso se relacionava intimamente com diversos eventos da sociedade grega (LACARRIÈRE, 2003). Não podemos afirmar muitas coisas sobre a vida de pessoas trans na antiguidade. Porém, há indícios, pistas, cacos de linguagem que passaram batidos em vários momentos do ensino da história. Como, por exemplo, o fato de que muitas das línguas antigas, como sânscrito (BAKTIVEDANTA, 2018), grego antigo (JACT, 2014), mandarim (MATIUSSO;REIS; 2023), no próprio latim (MONARETTO; PIRES; 2012) e muitas outras registradas possuem léxicos de gênero neutro, feminino e masculino. O Hinduísmo, uma das religiões mais antigas ainda estruturada hoje, acreditava que pessoas trans estavam mais próximas das divindades por ter acesso em uma vida às energias masculina e feminina. Esse arquétipo se repete várias vezes em mitos e fábulas de cosmovisões não hegemônicas.

É importante resgatarmos a memória trans, e lutarmos coletivamente para que o presente subverta o passado, e para que no futuro tenhamos uma sociedade que não se pautar na violência para orientar nenhum corpo. Isso contribui para a construção de uma sociedade, e conseqüentemente de um turismo que não seja determinado igualmente por essa violência. Esse trabalho é o registro escrito da invenção de um laboratório de caminhos, léxicos e ações que procuram promover a transformação material da memória coletiva, ou simplesmente contribuir para a

preservação da memória de pessoas generodissidentes, através das intervenções artísticas enquanto uma didática/prática contracolonial que produz circuitos turísticos inclusivos nas cidades, feitos por artistas também trans. Algo que desperta do extraordinário, indo de encontro ao apagamento social e urbano que rege a ordem social.

O grande ativista David Kato menciona em seu artigo no livro Traduzindo a África Queer, “Toda legislação criada sem a inclusão de comunidades marginalizadas é antidemocrática – o projeto de lei em si mesmo é inconstitucional, uma vez que advoga pela discriminação” (REA; PARADIS; AMANCIO; P.30, 2018). Se estendermos essa interpretação para os equipamentos e serviços turísticos, podemos perceber que as cidades, os transportes, os monumentos, museus, aeroportos e muitas outras infraestruturas no Brasil também são projetadas de maneira antidemocrática.

Na primeira parte desta monografia falaremos sobre como a sociedade moderna foi moldada para excluir as populações de pessoas gêneroodissidentes durante um processo colonizador que se perpetua até hoje, inclusive no turismo.

A segunda parte apresenta e reflete sobre o sequenciamento da didática de pensamento que me orienta e orientou em diversas produções como oficinas de grafite, o Projeto Grafita!Trans, o núcleo de Ação Unb Neutra, o primeiro circuito turístico de arte urbana trans do Distrito Federal, entre muitas outras. Essa linha de trabalho versátil, que mistura teoria e prática, se encontra com a intervenção urbana como forma de transformar o espaço e o inconsciente das pessoas, além de criar/diversificar a oferta dos atrativos turísticos e ajudar a subverter as narrativas de violências que afastam pessoas trans da escola e de outros espaços de aprendizagem e inclusão social.

A invisibilidade de pessoas trans é muito presente na academia, e ainda mais escassas são as fontes de pesquisa compromissadas com nosso protagonismo e com a história trans. Desejo que esse trabalho incite seus pensamentos anticoloniais e inspire a criar caminhos de “cura” coletiva, porque, assim como há problemas, existem muitas formas de solucioná-los esperando para serem colocadas em prática. Grande parte da resposta está na pluralidade. Afinal, o Turismo é uma ciência omnidisciplinar, ou seja, perpassa todas as áreas do saber.

### **1.3. Perguntas**

- Por que os hotéis, terminais de viagens e agências não estão preparados para atender turistas com diversas expressões de gênero?
- Como ajudar a promover um turismo trans inclusivo?
- Por que não existem políticas públicas voltadas para turistas trans?

- Como contribuir para que o turismo não tenha um caráter antidemocrático?
- Como repensar o gênero impactando positivamente a cidade com os locais de turismo?
- Onde estão as pessoas trans no turismo, na arte, na sociedade?

#### **1.4. Objetivo Geral**

Analisar o potencial sociotransformador de um circuito turístico voltado para o empoderamento e memória artística de pessoas trans na capital do País: estudo de caso do projeto Grafita Trans.

#### **1.5. Objetivos Específicos**

- Traçar as origens históricas, ideológicas e geográficas da perseguição gênero-dissidente como fundamento para a importância de ações de reparação para a comunidade trans no Brasil.
- Documentar a construção de narrativas de cidadania e de resistência das pessoas trans no presente utilizando o turismo e as artes.
- Apresentar o projeto das Oficinas formativas Grafita, Trans! e destrinchar seus três eixos de atuação: turismo, arte e socioeducação.

#### **1.6. Justificativa**

Devido a fatores históricos, geográficos, jurídicos e de motivação contra a necropolítica, faz-se necessária a reeducação geral para o bom tratamento e atendimento de pessoas trans em todos os setores econômicos e sociais, inclusive os de turismo. A reeducação diante da diversidade de gênero é parte vital no desenvolvimento de outro turismo a nível mundial nos próximos anos, estando alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU para 2030, e às linhas de ação do Plano Nacional de Turismo até 2022, pois busca possibilitar o acesso democrático de públicos prioritários à atividade turística e estimular o desenvolvimento do turismo para que seja acessível a todos, como estabelece o Plano. Este trabalho apresenta o projeto social criado por mim como iniciativa de enfrentamento à transfobia estrutural que assombra a sociedade brasileira, campeã mundial no assassinato de pessoas trans.

## 1.7. Metodologia

Utilizei meus conhecimentos práticos e teóricos para concretizar a realização, desenvolver a didática e expor a importância do projeto. A metodologia trabalhada compreendeu a pesquisa bibliográfica de conhecimentos contra coloniais a partir da biologia, historiografia, marcos jurídicos e de linguagem como forma de desconstrução e resgate da memória da população trans, principalmente no Brasil, sequenciando uma linha do tempo de marcos temporais onde a elite se utilizou de narrativas pseudocientíficas para excluir pessoas trans da sociedade, enfraquecendo os povos, e como isso se relaciona com os conflitos sociais no presente. Seguida da construção de um sequenciamento expositivo de dados obtidos a partir do portfólio do primeiro ciclo de oficinas do Grafita! Trans, utilizando dos registros de imagem para ilustrar o processo de transformação do espaço geográfico, e como essa iniciativa impacta no futuro das pessoas sensibilizadas pela experiência a partir de referenciais teóricos e práticos de ciências sociais e ciências sociais aplicadas.

## 2. Primeira Parte - Uma tour pela história da transfobia no Brasil

*“Uma sociedade doente não pode produzir um turista sadio” - Jost Krippendorf*

Na sociedade que mais assassina pessoas trans no mundo, como essas pessoas estão se relacionando com o turismo e como o turismo se relaciona e pode se relacionar com elas? A invisibilização e exclusão são ações sociais que permeiam essas respostas, mas não devem resumí-las. Ao levantar material acadêmico sobre a população trans, percebe-se uma falta de estudos sobre essa parcela da população, especialmente em referências protagonizadas por representantes da mesma. Até porque, apenas 0,2% das pessoas que conseguem chegar à Universidade, são trans (GEMAA; 2021). Na área de Turismo, isso não é diferente. Os poucos estudos sobre, feitos por pessoas cis, falam sobre pessoas LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Pessoas Trans e outras orientações sexogenerodissidentes) em um geral, acabando por eclipsar outras experiências que não englobem necessariamente a sexualidade, e sempre de uma perspectiva de superioridade estrutural, enquanto observadores-opressores-exploradores.

Por isso, não há como saber ao certo como a população trans se relaciona com o turismo, apesar de sabermos, por exemplo, que todas as populações viajam,

inclusive trans, e que hoje em dia, o uso do nome social não é uma política amplamente adotada em hotéis, aeroportos e outras estruturas turísticas. Também a lógica das revistas em aeroportos é totalmente transfóbica, pois considera corpos Cis como “normais”, e assim os corpos que divergem dessa lógica são suspeitos. Não vou me alongar citando mais exemplos de como somos invisibilizados agora. O problema social já está escancarado. Somos o país que mais mata pessoas trans no mundo (ANTRA, 2019). Nesse sentido é que na primeira parte desse trabalho farei um resgate histórico, para que possamos entender o porquê isso acontece hoje.

## 2.1. O Mito do Sexo

Para fazer um panorama completo da situação estudada nesse trabalho, não basta tentar ilustrar o gênero na sociedade moderna latino americana. Deve-se retroceder a alguns momentos histórico-geográficos, para que estes nos ajudem a situar a razão no meio de um debate fervilhante e complexo, que são as identidades de gênero. É preciso entender quando apenas a identidade homem-mulher se tornou a única válida, e com que objetivo.

Irei guiá-los até o momento em que se firmou a noção determinista de sexo binário, pautada no mito de Adão e Eva, na longínqua Europa. Não faz tanto tempo quanto a maioria de vocês podem pensar. Com o fim da idade moderna e o início da idade contemporânea, surgiram as indústrias, que se firmaram no capitalismo escravocrata. Ambas procuram impor o modelo ideal de um servo perfeito, que seria aquele que não pensa em processos individuais, apenas no interesse do mestre (QUIJANO, 2005). Antes dessa data, em territórios multiculturais fora da Europa, as noções de homem e mulher não eram tão rígidas quanto o senso comum nos leva a acreditar.

A escravidão e depois a globalização carregam um determinado sistema que teme, erradica, tenta controlar ou coloca em um lugar de chacota tudo que é diferente. A cultura hegemônica foi uma das muitas ferramentas de controle criadas, tudo muito massificado, modos de vida baseados em estereótipos, desconfiança e pouca reflexão filosófica sobre a individualidade das pessoas no (novo) mundo.

“De forma paralela ao crescimento hegemônico do racionalismo científico moderno, em meados dos séculos XVIII e XIX, nascem diversas noções sobre sexo e gênero que até hoje influenciam nossa forma de compreender as relações de gênero e a sexualidade.” (Senkevicks; Polidoro; 2012).

Como exposto acima, essas constatações binárias de gênero/sexo são visivelmente pautadas em uma percepção delirantemente conservadora e machista da elite

européia da época. Como o estudo de Laqueur (1990) conclui, nesse período surgiram as concepções de uma espécie bissexuada e dicotomizada entre dois sexos, sendo que um deles era considerado anatomicamente inferior ao outro. Estudos descreviam com detalhes como o corpo com útero era uma versão subdesenvolvida, “invertida”, do corpo que possuía um pênis. Mais do que isso, eles pautaram o modelo do que seria validado como natural na sociedade ocidental, ou seja, um corpo cis e heterossexual, que pensasse e se pautasse dentro dessa visão binária.

A religião passou a pregar com mais fervor o mito do pecado original, a ciência considera as pessoas com útero inferiores por terem “os genitais invertidos”, associa-se também a noção de que seriam trabalhadores menos produtivos para a sociedade. Ao homem resta o mito da imagem de deus, invulnerável. Inalcançável, porém, alcançando espaços sociais mais privilegiados. Com a revolução industrial, a maior parte da força operária era de pessoas com útero. O mito da figura feminina ainda adquire um papel importante para o capitalismo através da heterossexualidade compulsória: criar novos trabalhadores, que seguem um modelo pronto do que e quando pode ou não ser feito em todos os níveis de sua vida. E os estereótipos de gênero contribuem para que as partes se rivalizem e destruam quem difere do senso comum em estilo e ideias, até hoje, isso é expresso com maestria no artigo “Corpo, Gênero e Ciência: a interface entre biologia e sociedade”.

Essas concepções europeias foram trazidas para a América Latina durante a colonização. No Brasil, de forma particularmente agressiva. O primeiro registro escrito da intolerância dos europeus a diferentes formas de expressão no território brasileiro foi feito pelo frade capuchinho francês Yves D'Évreux em seu diário “Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614”, onde está acompanhando um grupo de bandeirantes e descreve chocado a existência de Tybyras, termo em língua Tupi para designar indígenas que possuíam práticas que podemos chamar de não-hetero e não-cisgêneras.

Assim como afirma João Nyn no livro Tybyra (2020), não podemos enquadrar aqui o termo tybyra como gays ou travestis, pois lideranças indígenas dizem que esses rótulos pertencem à sociedade ocidental, e considerando também o período histórico que estamos falando, não podemos tentar resumir a existência dessas pessoas pelos nossos parâmetros modernos ocidentais. Mas, o mais hediondo desse assassinato, além do ato em si, é que jogaram seu próprio povo contra a vítima, o que foi uma estratégia também para enfraquecer as comunidades originárias como um todo na guerra pelo território.

O frade descreve Tybyra Tupinambá dizendo que apesar de parecer “no exterior mais homem”, também era “hermafrodita” e tinha “voz de mulher”. De acordo com ele, era preciso “frear o contágio”, para que esse não atingisse o homem branco. A pessoa indígena em questão foi sequestrada pelo grupo de jesuítas composto por

D'Évreux e morta em uma execução pública que se deu aos pés do Forte de São Luiz do Maranhão. Esse foi o primeiro caso de crime de ódio registrado em território brasileiro. Tem que se odiar muito para nem ver que o outro também tem alma e é gente. E essa maldição do ódio infelizmente se repete nos tempos contemporâneos. Podemos perceber, pela descrição feita no diário, que a perseguição era acima de tudo às dissidências em relação à construção de gênero e sexualidade daquela pessoa.

Essa forma de matar as diversidades originárias de outras culturas foi sendo repetida e estruturada pelas instituições desde esse primeiro crime de ódio nas terras que habitamos. Podemos ter um relance disso no artigo de Jackeline Gomes de Jesus, “Xica Manicongo: A transgeneridade toma palavra”: é o resgate do primeiro registro que temos de uma transfeminilidade africana em território brasileiro, e contrasta-se a perseguição que ela sofreu com a chegada da Inquisição no Brasil. Xica foi obrigada a vestir roupas masculinas sob ameaça da pena de morte. Imagino quantas outras histórias de pessoas trans se perderam na névoa dos registros de uma história que serve à narrativa de esquecimento das minorias políticas.

Havia travestis não só ali na Ladeira da Misericórdia, mas também em Fez, na nação Tupinambá, em São Paulo de Luanda, no Deserto do Mojave, em Goa... Em todo lugar e tempo, ainda não sendo chamadas ou denominando-se de travestis, porém trazendo outros nomes para esse fato que nos une até hoje: o de reconhecermos onde o cis-tema (ou sistema) nos nega. Guerrilha de ser. (DE JESUS, 2019, p.5)

Desde esse marco, a polícia criou o hábito de recolher essas pessoas da sociedade, tratando-os como “alienados” que precisavam ser recolhidos da sociedade, pois apresentavam risco à moral social, pautada no processo colonizatório. O primeiro Código Penal Brasileiro, de 1830, apresenta em seu capítulo VII, dois artigos dedicados exclusivamente a criminalizar pessoas que adquirissem outro nome e identidade social. Associação de transgeneridade com estelionato e falsidade ideológica já é outra demonstração de transfobia institucional. Várias pessoas trans foram processadas pelo “crime” de existirem, como é o caso de Dorival Rocha Reple, enquadrado nesses artigos 301 e 302 em Belo Horizonte, em 1931 (MORANDO, 2022).

CÓDIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRAZIL  
CAPITULO VII

USO DE NOMES SUPPOSTOS, E TITULOS INDEVIDOS

Art. 301. Usar de nome supposto, ou mudado, ou de algum titulo, distinctivo, ou condecoração, que não tenha.

Pena - de prisão por dez a sessenta dias, e multa correspondente á metade do tempo.

Art. 302. Se em virtude do sobredito uso se tiver obtido o que de outro modo se não conseguiria.

Pena - a mesma, em que incorreria o réu, se obtivesse por violência.

Entre 1846 e 1889 são criados os primeiros hospícios em território nacional, com apoio da Igreja Católica, instituição que desde o início do impacto da colonização, foi a responsável por desumanizar nossas existências sob a cortina de fumaça dos “bons costumes” versus “pecado”. Um dos motivos para ser trancafiado nessas instituições seria “usar roupas em desacordo com o seu sexo, ou outros atos libidinosos relacionados”. Bastava que houvesse uma denúncia; De um vizinho, um parente, qualquer um. Não havia direito à defesa, (ARBEX, 2013) esses espaços disfarçados de instituições psiquiátricas na verdade funcionavam como campos de concentração, e foram mais um marco na institucionalização da TLBGfobia brasileira. Em 1903 foi criado o Hospício de Barbacena, a maior de todas essas instituições, que só fechou realmente as suas portas em 2003. Mais de 60 mil pessoas morreram dentro desse local, 70% não tinham diagnóstico de doença mental, apenas eram dissidentes em uma sociedade que odiava a diversidade de sua população (ARBEX, 2013). O Estado, a Igreja Católica, e todas as pessoas e instituições que até hoje reforçam esse Apartheid generossexual, são responsáveis por um holocausto que fez inúmeras vítimas desde a invenção do Brasil e que ainda não acabou.

A Ditadura Militar brasileira perseguiu e violentou todas as pessoas dissidentes de alguma forma. Com a redemocratização do Brasil, isso não mudou. Nos anos 80, foi lançada a Operação Tarântula. Inicialmente voltada para São Paulo, ela adquiriu em poucos anos um alcance nacional e moldou a forma como as polícias tratam as travestis e pessoas trans até os dias atuais. Elas eram perseguidas e enquadradas no artigo 130 do código penal Brasileiro de 1940:

Esse artigo é suficiente para justificar a existência da Operação Tarântula, uma vez que as travestis apreendidas deveriam, segundo o delegado Márcio Prudente Cruz, responder a processos por crime de contágio venéreo. Não à toa, a matéria cita rapidamente a possibilidade de existência de testagem compulsória das pessoas detidas para averiguação, fato que Márcio Cruz nega acontecer. Contudo, a naturalidade com que a dinâmica de associar travestis a AIDS e, conseqüentemente, o enquadramento no artigo 130 do Código Penal falam de como o imaginário de uma “epidemia gay” aciona uma interpretação sobre o sistema penal que faz décadas já operacionalizava a interface da vivência da negritude com a justiça (Goés, 2015). Trata-se aqui da diferenciação – ainda que não explícita – entre um direito penal do fato e de um direito penal do autor. (CAVALCANTI; BARBOSA; BICALHO; Os tentáculos da tarântula (2018))

Luciano Goés (2015) investiga a influência dos ideais positivistas e de Lombroso na criação da noção de um criminoso de ocasião e um criminoso “nato”. Podemos observar que essas teorias colonizadoras e eurocêntricas ajudaram a definir o gênero binário, e conseqüentemente a criminalização de outras expressões, em diversos momentos do nosso resgate histórico.

O comportamento os assusta porque este sempre foi mais forte que a biologia. Aliás, pesquisas contemporâneas sobre gênero subsidiam o argumento de que a própria biologia foi podada de acordo com os interesses desses grupos dominantes, como a indústria, o estado e a Igreja. De acordo com Anne Fausto-Sterling:

as capacidades de um indivíduo provém de uma teia de interações entre o ser biológico e o ambiente social [...] A biologia pode condicionar o comportamento de alguma maneira, mas o comportamento, por sua vez, pode modificar a fisiologia individual. Além disso, qualquer comportamento em particular pode ter muitas causas diferentes. Essa nova visão questiona a busca de causas biológicas fundamentais na sua própria raiz, sustentando de modo inequívoco que essa própria busca é baseada numa compreensão falsa da biologia. (STERLING, 1985: 8)

O gênero não é nada mais que uma categorização do comportamento humano em um modelo de sociedade. Cabe a todas as pessoas, refletir sobre seu gênero de forma a procurar existir de uma maneira saudável e verdadeira consigo e com os outros, independente do recorte. Porque o modelo de sociedade que demoniza corpos trans, nada mais é do que um modelo colonizado, que busca destruir a diversidade dentro de seu próprio grupo, ao invés de cultivá-la. Mesmo a linguagem reflete a adoção de algum sistema.

## **2.2. O Mito da Língua**

Devemos lembrar que o português foi uma língua imposta no Brasil. Em 1808, quando a Família real portuguesa, foragida de sua capital, aportou no Rio de Janeiro, seu primeiro decreto foi instituir o português como língua oficial e única. Determinação que ainda se mantém até os dias atuais, coexistindo apenas com a Língua Brasileira de Sinais como idioma oficial, mesmo que o nosso país apresente uma imensa riqueza linguística em seu território.

Durante a Ditadura Vargas, com o decreto de radiocomunicações, firmou-se um intuito já a muito tempo carregado pelas elites de controlar e moldar a cultura da população, de uma forma mais “civilizada” - leia-se: mais colonizada. Que na prática consistia em preparar também o trabalhador para se tornar uma mão de obra alienada, que não pensava em si ou no seu papel no mundo. Ao se implantar rádios em todo o território nacional, planta-se uma forma coercitiva de se ensinar essa ideologia européia de sexo e comportamentos, (entre outras coisas) sob a máxima de que o brasileiro era demasiadamente diverso, e que isso era prejudicial ao trabalho e à disciplina.

Rita Segato, em seu artigo “Género, política e hibridismo en la transnacionalización de la cultura Yoruba” fala sobre o trabalho da antropóloga Oyeronke Oyewumi:

Para Oyeronke, "la hipótesis de que un sistema de género existía en la sociedad Oyo con anterioridad a la colonización occidental constituye un caso más de la dominación occidental en la documentación y en la interpretación del mundo" (1997:32). Desde su punto de vista, el colonialismo introdujo el vocabulario y las prácticas de género en la religión Yoruba, y los académicos occidentales – así como las feministas occidentales – equivocadamente identificaron la existencia del género en esa cultura: "[...] la interpretación usual de las categorías Yoruba obinrin y okunrin como 'hembra/mujer' y 'macho/hombre', respectivamente, es una traducción equivocada [...] porque (entre los Yoruba pre-coloniales) esas categorías no se oponían binariamente ni eran jerárquicas [...]" (ibidem: 32-33). Eso es así, en la interpretación de Oyeronke, porque, como ella misma argumenta:

1) "No existía ahí la concepción de un tipo humano original (el hombre, genérico) a partir del cual otro tipo podría ser mensurado (el femenino, particular). Enyan es (en Yoruba) una palabra neutra, sin género, para todos los humanos (diferente de hembra ([fe]male) o mujer ([wo]man)" (ibidem:33).

2) "Obinrin no es una categoría jerárquicamente ordenada en relación a okunrin (ambas comparten la misma raíz neutra rin)".

3) Ellas son solamente aplicables a adultos. Niños son todos omode. Animales machos y hembras son denominados ako y abo. Plantas son abo cuando producen brotes. (SEGATO. 2003)

O artigo também fala sobre os traços morfológicos e sintáticos de concordância verbal e nominal no português brasileiro falado serem iguais ou muito semelhantes aos de diversas línguas africanas, como o Bantu, lorubá e Igbo, assim como a acentuação tônica de palavras é feita pelo início das palavras, não pelo final, como os europeus fazem.

Podemos perceber, através desse estudo, que o lorubá, assim como as línguas indígenas e a maior parte de outras línguas antigas (como o grego, latim e sânscrito), possuem partículas neutras para as palavras. No português, apesar da maior parte da formação linguística do país possuir traços de linguagem neutra, como a palavra "criança", que não determina gênero, ainda é uma língua extremamente binarista. Ou seja, caráter eugenista e necropolítico em relação a identidades se apresenta, mesmo na gramática. Mas não apenas nela.

Sabemos, por exemplo, que os povos Mapuche, presentes em vários territórios da América Latina tinham papéis de gênero definidos de forma bem diferente, para além do binário, e apesar da perseguição, existe essa retomada (AZEVEDO, 2021). Os povos tupinambá possuem um nome para pessoas que não pertencem a um gênero binário, assim como acontece em muitas outras etnias do mundo. A visão eurocêntrica, não é a única certa.

De fato, graças a pesquisa de mais de trinta anos de Anne Fausto-Sterling, e suas publicações científicas, como o livro "Os cinco sexos" já citado aqui, podemos afirmar que existem hoje pelo menos nove sexos biológicos comprovados pela

ciência. Essas variações sexuais ocorrem em número muito grande para que sejam consideradas anomalias. Essa visão determinista ainda é amplamente difundida na mídia, escola e outros espaços de sociabilidade infanto-juvenil, criando estigma na sociedade e consequentemente no turismo.

### **2.3. O Mito do Corpo**

Na academia, há um largo despreparo por parte dos estudiosos de gênero quanto a questões relacionadas à vivência trans. Não há estudos sobre a relação desse grupo com o turismo, mas o turismo se relaciona com essas pessoas intimamente. De fato, várias travestis que realizam trabalhos sexuais se relacionam com turistas no seu dia a dia. Devido à exclusão violenta desse grupo de pessoas do mercado de trabalho, de ambientes escolares, de estruturas de saúde, etc., no Brasil, a prostituição é uma situação compulsória para pessoas trans. Principalmente para pessoas transfemininas. Um estudo da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) revelou que 90% delas realizou ou realiza trabalho sexual. Isso porque não encontram condições de vender sua força de trabalho, o mercado de trabalho as exclui. Se veem com a alternativa de vender seus corpos. O turismo, como um mercado empregador, também têm sua culpa ao excluir pessoas trans do mercado de trabalho para reproduzir ambientes higienizados, assim como os turistas e os interesses criados através de *propagandas* que moldam esse mercado.

Levanto esse ponto para dizer que a essas mulheres e travestis não é oportunizado outros espaços, como por exemplo, a posição de pessoa consumidora de turismo, ou um cargo de confiança em um hotel, mesmo que elas já tenham experiência lidando com estrangeiros, porque são corpos socialmente classificados para não ocuparem outros contextos que não sejam marginalizados. Não existem dados estatísticos sobre esse fato devido a invisibilidade estrutural que travestis e trabalhadoras sexuais estão expostas. E esse conhecimento provém de conversas informais com amigas que vivenciam esse cotidiano. A falta generalizada de dados ocorre porque as existências dessas pessoas são vistas como escandalosas demais para um ambiente “sério”, o que reflete, mais uma vez, nos dados. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, porque o ciclo de violência e exclusão não está sendo quebrado. E nós, do turismo, temos a possibilidade de ajudar a rompê-lo, e suavizar narrativas tão sofridas e historicamente criminalizadas, com responsabilidade, e sem romantização.

Apesar dos dados escassos em pesquisas demográficas e levantamentos estatísticos, trago dois casos que ilustram bem a situação de violência à que as pessoas ficam expostas graças ao despreparo causado pela ignorância. O primeiro é nacional: A escritora e slammer (artista da cultura de Slams, a poesia falada do Hip-Hop) Abigail Campos Leal, que é travesti, foi convidada a realizar uma palestra em outro estado e comprou sua passagem de avião usando seu nome social, mas

no dia 26 de dezembro de 2019, mesmo estando em posse do decreto que garantia seu direito de usar nome social, foi impedida de embarcar no avião.

O Outro caso, u artiste estadunidense Alok Vaid-Menon, é performer, estilista e poeta, também é filhe de indianos e trans não binárie, relata que toda vez que precisa pegar um vôo, as máquinas de raio-X do aeroporto apitam, porque elas estão programadas para formatos de corpos cisgêneros, e entende o formato do seu corpo como “estranho”, “suspeito”. E ela, como uma pessoa oriental, têm que passar por revistas constrangedoras da segurança, que muitas vezes são transfóbicas e racistas.

Assim, uma tarefa aparentemente simples pra uma pessoa cis, pode ser uma fonte de situações caóticas e desgastantes para pessoas trans.

Para ilustrar o nível de desconhecimento cotidiano dentro dessa problemática tratada no trabalho sobre o tema dentro da academia, cito o TCC de Rafael Luz Serafim: Turismo LGBT(2017), onde ele afirma que o principal ativista para termos paradas do orgulho LGBT por todo o mundo, foi um político gay branco dos EUA, que subiu em um palanque e fez um discurso.

A propagação dessa versão dos acontecimentos chega a ser ofensiva à minha comunidade, visto que é de conhecimento público que as verdadeiras responsáveis pela revolução de stonewall e decorrentemente das paradas LGBTs em todo o mundo foram duas travestis: Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera. Elas atiraram os primeiros tijolos na polícia, após sofrerem transfobia em um bar gay na cidade de Nova York, lideraram a revolta para dar um basta na violência cotidiana, e iniciaram um movimento de ocupação da rua em prol dos direitos das pessoas LGBTs. Por esse ato de revolução, elas sofreram consequências cruéis ao longo da vida.

Marsha foi assassinada, Sylvia foi espancada e presa diversas vezes. Elas sacrificaram muito para que a comunidade LGBT pudesse iniciar movimentos que trariam direitos sociais, mas ainda não impediria que outras como elas sofressem toda sorte de roubo de direitos, como pode ser visto no documentário A Morte e a Vida de Marsha P. Johnson dirigida por David France para a Netflix (2020). Esse conflito também ilustra os pontos levantados ao longo do trabalho de Serafim sobre a segmentação do turismo LGBT, como os gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans experienciam a sociedade e tem interesses diferentes, sendo esses fortemente influenciados pelos marcadores de etnia e classe.

Serafim pontua também a dificuldade para sequenciar quem seriam os usuários do segmento. Algo para o qual apresento um contraponto ou complemento: considerar pessoas LGBT+ como um segmento turístico mostra-se muito limitado, visto que é importante que esses pontos de memória e cultura tenham seu apelo e tragam

benefícios/conhecimentos para todos os segmentos da sociedade, assim como é o turismo acessível.

É certo que a produção de conhecimento na academia sobre o público LGBT têm aumentado, mas que público estamos falando? Deve-se lembrar que não é uma comunidade homogênea, e observar que historicamente as pessoas trans foram colocadas em um lugar patologizado. Reproduzir esse comportamento na academia contemporânea deve deixar de ser um hábito.

Para termos consciência de quem somos, precisamos de memória, de ter conhecimento de nossa história, de onde viemos, de que nossa população lutou, e morreu, para que tivéssemos os mínimos direitos dos quais hoje gozamos. (DE JESUS, 2019, p.5)

As pesquisas sobre feminismo, por exemplo, deveriam sempre incluir a existência de transfeminilidades em suas linhas de pensamento, assim como considerar que nem todo o corpo ovariano (corpo com útero) terá uma leitura de gênero feminina, ainda sim sofrerá opressões semelhantes, por vezes piores. A totalidade é uma importante ferramenta do estudo do turismo, portanto, busco aqui reunir conhecimentos que devem ser usados para que se inclua o recorte transgênero a qualquer pesquisa, não apenas no turismo. Encerro essa seção destacando na Figura 1 os principais marcos aqui mencionados.

**Figura 1: Linha do tempo de marcos de institucionalização da transfobia no Brasil.**



### **3. Segunda Parte - O Grafita! Trans**

As transcrições em paredes são certamente as manifestações mais antigas presentes na história evolutiva humana. Na Serra da Capivara existem registros rupestres de mais de 50 mil anos atrás. O Pixo brasileiro moderno se consolidou em São Paulo em um momento particularmente eugenista da história do Brasil. A Ditadura Militar, em 1964, foi um longo período onde as violações contra pessoas que não atendiam às expectativas cisheteroeurocêntricas foram incontáveis e muitos dos torturadores vivem ainda sendo protegidos pelo Estado por tais crimes. Enquanto os militares faziam de tudo para que a cidade não pertencesse às pessoas, os pixos eram o grito da marginalidade impresso nos muros. A premissa de que a cidade engole alguns corpos é imagetivamente subvertida quando esses corpos passam a marcar a cidade, e isso se perpetua enquanto uma forte diretriz na arte urbana favelada.

Eis porque esse trabalho é profundamente turístico, acima de tudo. Porque ele fala sobre o ato de moldar esse desejo até então reprimido para uma comunidade, e instrumentalizar transformações sociais a partir de pontos de lazer. O Graffiti é uma forma de criar memoriais de culturas historicamente reprimidas, acrescentar pontos turísticos na imagética da cidade e pontos de transformação do inconsciente coletivo, para fomentar os valores humanos de respeito e coletividade que orientam o Hip-Hop e que potencializam melhorias comuns para o futuro da humanidade.

Entende-se que alguns corpos são políticos, ou seja, a simples existência de uma pessoa com determinadas características em espaços de poder, subvertem a hegemonia vigente. Ao compreender que o papel de educador era um espaço de poder, que não é usualmente ocupado por pessoas trans, percebi que o ato de

ensinar poderia desconstruir estigmas, fomentar a visibilidade, respeito e a admiração para pessoas de recortes semelhantes ao meu.

Ao ocupar esse espaço, meu corpo envia a mensagem: podemos existir aqui. Temos coisas importantes a ensinar. Isso cultiva o empoderamento de pessoas trans da periferia, que passam por inúmeros desafios para conquistar espaços de reconhecimento social. Isso abre possibilidades no mercado de trabalho para profissionais trans da cultura e insufla a necessidade de que pessoas diversas ocupem todos os espaços sociais, ao invés do cenário repleto de higienismos que vinha sendo desde o genocídio colonizatório.

Mais do que influenciar pessoas a viajar, se movimentarem para visitar o circuito turístico de graffiti trans do Distrito Federal, o projeto influencia pessoas a movimentarem as estruturas sociais, os estigmas estabilizados por anos de violência, e a enxergar a complexidade dessas narrativas de vida. Quero influenciar pessoas a movimentarem *ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2019).

O GRAFITA!TRANS - *Oficinas de Técnicas de Graffiti e Afeto LGBTQ+ com foco na população trans*, surge como resposta a um dado interessante: existem poucos grafiteiros trans ativos no cenário nacional. E isso certamente não se dá devido à falta de interesse, mas sim pelo estigma de que pessoas trans só podem ocupar as ruas para roubar e se prostituir. As pessoas LGBTQ, em especial as pessoas trans, têm um histórico de ocupar as ruas, mas também serem invisibilizadas e agredidas nela. Essa lógica de que os corpos trans na rua são descartáveis ainda está intrínseca na sociedade e no subconsciente de muitas pessoas, pois como resgatamos na primeira parte desse trabalho, a institucionalização da transfobia foi um forte dispositivo colonizatório. Por isso, o projeto busca empoderar pessoas trans para que a rua não seja apenas um espaço de embate e perseguição, e sim, de pertencimento, identificação e disputa de narrativas.

Inicialmente o projeto se deu através de Oficinas semanais de graffiti realizadas na Samambaia, e seu currículo foi voltado especialmente para a profissionalização de pessoas transgeneros/travestis no cenário das Artes Urbanas do Distrito Federal. O curso teve um total de 30 horas-aula. Os estudantes receberam ajuda de custo de 150 reais cada, mentoria, e a página do GRAFITA!TRANS promoveu seus perfis e trabalhos de várias formas. Foram 15 vagas oferecidas e 12 pessoas que concluíram o curso. Ou seja, ocorreu um aproveitamento de 80% das vagas. Duas pessoas preferiram dedicar suas energias para outras atividades e uma das pessoas foi impossibilitada de comparecer às oficinas devido a problemas de saúde.

Nas três primeiras oficinas, ocorreram conversas sobre bases teóricas e históricas do graffiti, seguido de atividades práticas que evoluíram em seu grau de complexidade ao longo dos encontros, para estimular os participantes a saírem de suas zonas de conforto e entrarem em contato com a própria linguagem artística.

As três últimas oficinas ocorreram em pontos estratégicos da cidade de Samambaia: na escultura “eu (coração) samambaia” que fica ao lado do hospital regional da cidade e próximo aos melhores hotéis da Região Administrativa (RA); na feira permanente da quadra 202 norte; e, num muro na praça triangular da quadra 202, a menos de 20 metros de distância da feira.

As intervenções massivas carregam uma multiplicidade de estilos e partem do trabalho em grupo para transformar esses espaços e fomentar uma nova visão daqueles lugares. Como podemos ver nas cenas iniciais do filme *Alice Júnior* (2019), o graffiti se torna um importante marco geográfico para pessoas trans e passa a representar a imagética do território para aqueles corpos. Mais do que isso, passa a representar aqueles corpos na sociedade, e a construir uma relação de admiração entre essas vidas antes supostamente distanciadas.

Os circuitos turísticos de memória sobre pessoas LGBTQs podem ser incrementados com muitas opções de itinerário. Até porque somos uma população muito diversa. Acredito que o circuito vai atrair pessoas de vários segmentos sociais que se interessem por arte urbana e diversidade.

Eu, proponente do projeto, sou uma das pessoas trans que só permaneceu na escola por causa da arte. Ela transcende os dogmas que muitas vezes nos afastam do ambiente escolar. Tive o privilégio de chegar à universidade e quero contribuir para que cada vez mais pessoas trans ocupem esses espaços. Sabemos que a resistência começa na união. Estar em uma sala de aula cheia de pessoas como você, se sentir acolhido, poder se enxergar no seu professor, é algo que fortalece o espírito e já foi comprovado que melhora muito o desempenho dos estudantes. Precisamos estar fortes e bem se queremos construir novos futuros.

As oficinas foram inicialmente desenhadas para atender pessoas trans, mas sua pedagogia pode ser aplicada para todos os tipos de público, e serve como ferramenta de transformação de dogmas, combate à transfobia e fomento da integração cultural da rua com a sociedade.

quando os sujeitos entendem que são mudanças passageiras, ou seja, é possível retornar às práticas antigas, após certo período, as representações são modificadas apenas superficialmente (GUIMELLI, op. cit.).

O Graffiti marca a transformação do espaço, e por isso, quando atrelado a uma ação que contribui para a mudança no modo de operar político e social, contribui para fixar essa mudança no inconsciente coletivo da comunidade contemplada, é a lembrança de que não é possível voltar às práticas antigas, pois houve uma transformação profunda na arquitetura da cidade, e, portanto, nas próprias pessoas que ali habitam.

Ao desenvolver essa pedagogia transformadora para o Grafita!Trans passo a aplicá-la para dar oficinas para outros grupos, entendendo a importância do intercâmbio de saberes e de integrar a luta pelos direitos de pessoas trans com toda a sociedade. Na primeira semana de abril de 2022, tive a oportunidade de realizar uma oficina de graffiti em uma escola da área rural do córrego do Urubu, na Escola da Árvore, para uma turma de crianças de 10 a 14 anos. Fui informado pela professora de artes que mediou a oficina, que a turma era muito desafiadora. Tinham diversos perfis, dificuldade para se conectarem, trabalharem em grupo, e focarem em uma atividade específica. Porém, ao serem inseridos em uma experiência totalmente nova para eles, e que não se resumia a sala de aula, os estudantes superaram todos os desafios coletivos e pessoais para criarem um mural conjunto. Todos relataram estar profundamente satisfeitos e terem aprendido muito, não só sobre a história do grafite, mas sobre a vida, no final da atividade.

As oficinas acima de tudo são isso: um dispositivo de reconexão das pessoas com o ambiente em que vivem e a transformação de conceitos limitantes a partir disso. O turismo se torna o monumento que marca essa transformação materialmente e subjetivamente. Mais do que isso, marca uma valorização de comunidades marginalizadas, o resgate de suas memórias e saberes. O registro da memória trans é uma poderosa ferramenta de combate a transfobia, e o empoderamento e afirmação positiva dessas pessoas contribui para o combate de seus altos índices de suicídio. Além disso, a transformação social a médio prazo, ao movimentar e promover a interação de pessoas com pensamentos em comum fortalece a dignidade humana.

### **3.1. Objetivo Específico das oficinas**

Empoderar pessoas trans a protagonizar e consumir arte de rua, transformando narrativas de silenciamento sistemático ao reinseri-las em um ambiente de aprendizado e revelar a possibilidade de independência financeira e de mobilidade urbana e social.

### **3.2. Objetivos gerais das oficinas**

- Criação do primeiro circuito turístico de graffiti trans do Brasil.
- Formação de novos profissionais trans no cenário de artes do DF.
- Empoderamento de toda a população LGBTQ+ através das divulgações nas redes sociais e nos veículos de mídia.
- Diminuição do preconceito e da invisibilidade social que afasta essas pessoas de diversas oportunidades.

- Através da visibilidade do projeto e de sua plataforma no instagram, promovemos a geração de renda desses novos artistas também através da divulgação de seus trabalhos.
- Aqueles que frequentaram o GRAFITA!TRANS pelo período de 30 dias (4 aulas), comprovado através de lista de frequência, receberam um certificado referente às 30 horas-aula em que passaram se dedicando a aprender sobre o assunto.

### **3.3. RELATÓRIO DAS AULAS**

#### **Aula 1:**

Apresentação de estudantes e equipe de produção, criação de laços, espaço de escuta, contextualização históricas sobre população trans e sobre história do Grafite. Primeiras práticas com o spray: técnicas para traço e esfumado , tipos de latas e caps (bicos de spray).

Dever de casa: Cada estudante recebeu uma lata de tinta spray e um banner para praticar as técnicas passadas em sala de aula.

**Figura 2: estudantes e equipe do projeto Grafita!Trans sentados em roda na sala de aula.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, janeiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 3: Estudante folheia material didático em primeiro plano. Ao fundo da imagem, estudantes e o professor estão sentados no chão conversando.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, janeiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 4: Foto em close do material didático em formato de zine entregue na primeira aula aos participantes das oficinas.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, janeiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 5: Klaus Miranda (professor) demonstra um exercício de treino de técnicas de traço com tinta spray.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, janeiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 6: Estudante realiza exercício de primeiro contato com spray freestyle. Outra estudante fotografa a ação.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, janeiro de 2023, Samambaia - DF.

## Aula 2:

Foram abordados os temas: Pixo e grafite no DF, portfólio e CEAC (Cadastro de Artistas, Produtores, e Entidades Culturais do DF), responsabilidade social coletiva. Práticas de empreendedorismo no grafite. Busca pela sua identidade visual como artista. Estilos, técnicas e estudos de trabalhos regionais. Práticas e técnicas para obter um resultado profissional. Prática de pintura coletiva nos banners para trabalhar o entrosamento e estimular a evolução das técnicas das pessoas estudantes.

Dever de casa: Ler os livros Manual do Guerrilheiro Urbano de Mariguella e A Arte da Guerra de Sun Tzu. Fazer um grafite o mais elaborado possível, desafiando seus limites e aplicando os ensinamentos que rolaram na oficina.

**Figura 7: Estudantes e equipe do Grafita!Trans sorriem para a foto sentados juntos em frente a parede interna do Complexo Cultural de Samambaia, coberta de graffitis de diversos artistas renomados da cena do DF.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 8: Professor e monitores estão à esquerda da foto explicando algo enquanto estudantes e parte da equipe estão sentados em banco a direita ouvindo atentamente. Nas extremidades da foto estão banners pintados pelos estudantes durante exercício em sala de aula.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 9: Banners apoiados em cavaletes preenchem a imagem e enquanto os estudantes se dedicam a suas pinturas em cada um deles.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 10: Em primeiro plano, estudante está concentrado enquanto manipula o spray na superfície do banner. Outros estudantes estão ao fundo fazendo o mesmo.**



### **Aula 3:**

Conversa sobre as leituras do dever de casa. Produção, editais, questões sociais. Orientações sobre as intervenções que ocorrerão nos pontos de interesse turístico nas próximas oficinas. Atividade prática: releitura do mascote do projeto para trabalhar os estilos de desenho de cada participante. Distribuição de kits de pintura com 3 sprays, 3 caps, tinta base de piso e dois pinceis.

Dever de casa: Desenhar croquis de suas ideias para as intervenções urbanas que ocorrerão nas oficinas decorrentes e treinar o estilo do seu grafite criando murais.

**Figura 11: Estudantes estão reunidos em volta do professor, que está mostrando um desenho em seu caderno.**



**Figura 12: Close no desenho do caderno do professor, que mostra diversos doodles de beija-flores (colibris).**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 13: Três estudantes com largos sorrisos nos rostos recolhem seus kits de pintura , os kits estão enfileirados em frente a um grande espelho.**



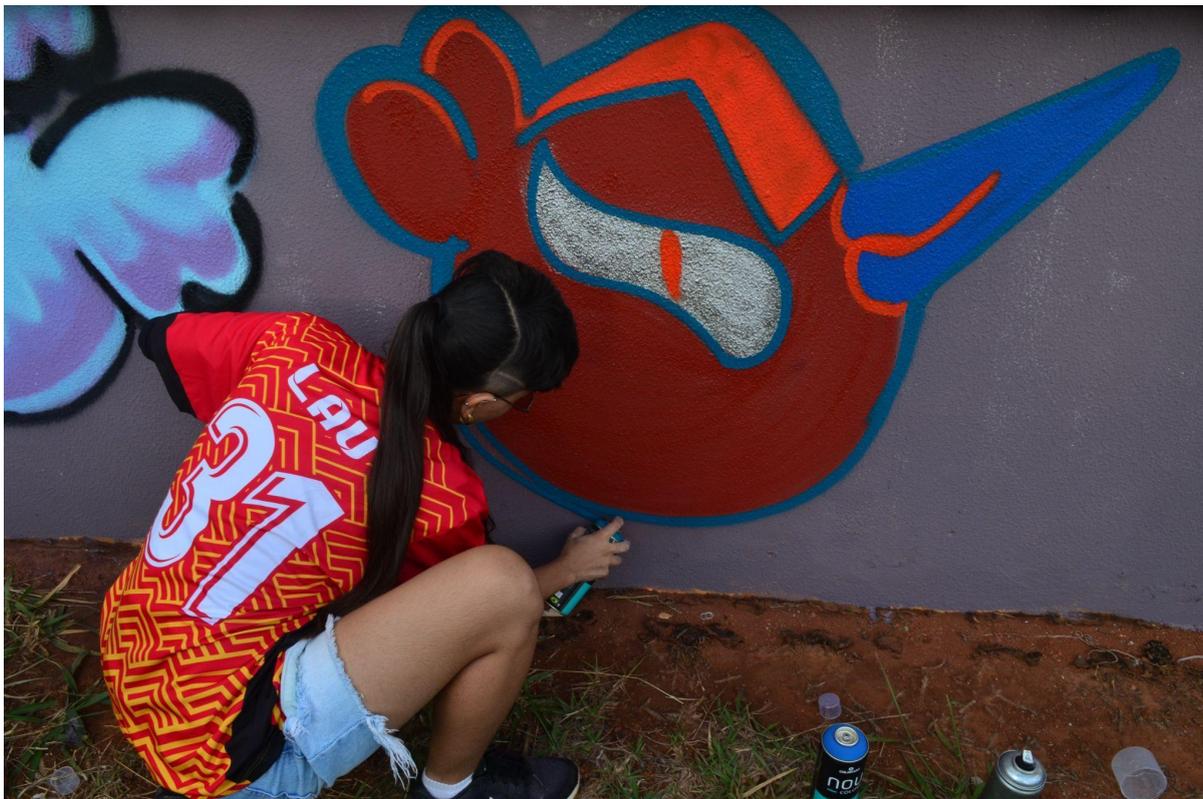
Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 14:** em primeiro plano, mão da estudante Duda segurando uma lata de spray. em segundo plano está a sua própria leitura do colibri em roxo, com um olho bem marcante, sobrancelha no formato da letra “s” e sombreamentos em rosa e azul, ilustrando o tema do exercício proposto.



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 15: Monitore do curso, Gai está agachado enquanto contorna de verde o seu graffiti do colibri.**



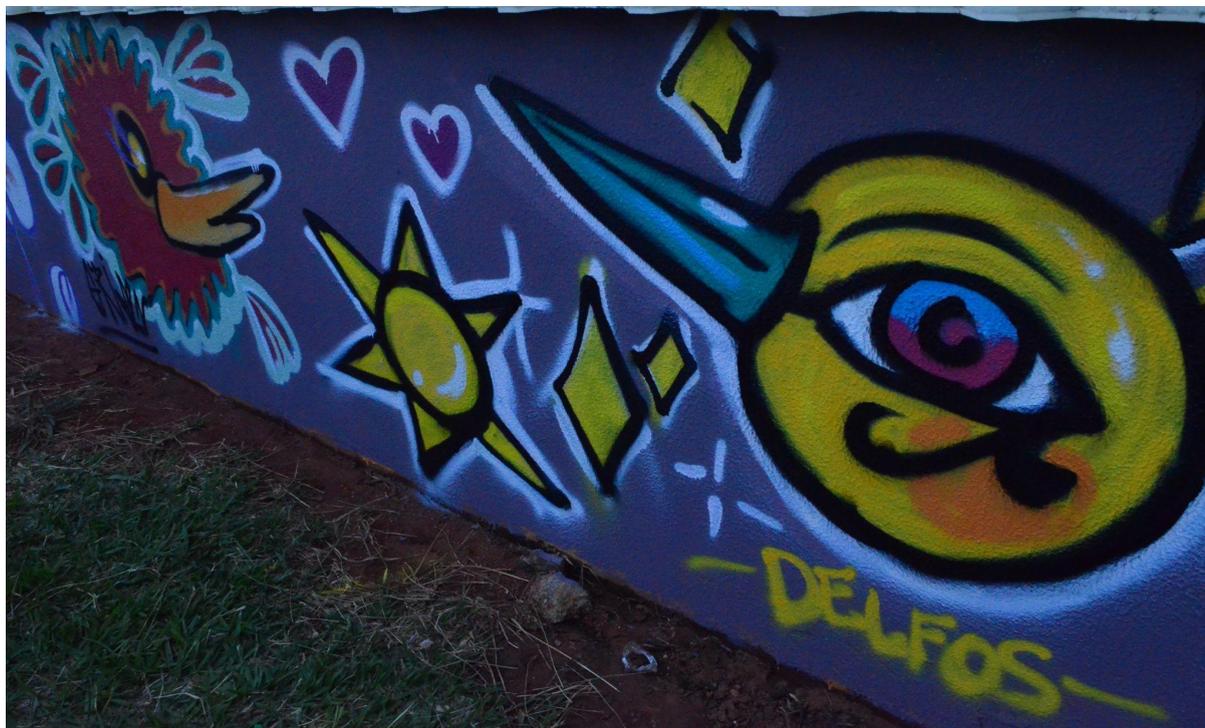
Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 16: Graffiti de colibri no estilo mangá feito pelo estudante Dani.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 17: Graffiti de colibri vermelho feito pelo estudante Crimn e colibri amarelo com o olho de Hórus feito pelo estudante Delfos.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 18: Kaus está agachado mostrando para a câmera as mãos sujas de tinta usada na oficina.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, fevereiro de 2023, Samambaia - DF.

#### Aula 4:

Realização de prática de intervenção em locais de interesse turístico: escultura “eu amo samambaia” na entrada da cidade.

**Figura 19: Estudante Rodrigueiz está em primeiro plano ao lado da estátua “eu (coração) samambaia” que fica na entrada da cidade.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 20: estudantes grafitam em volta de pilastras enquanto Arthur Laio grava o acontecimento ao lado direito da foto.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 21: Estudantes grafitam em volta da pilastra. Um deles, Shaos, Sorri largamente para a câmera**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

Figura 22: imagem mostra como a estátua ficou mais colorida depois da intervenção coletiva.

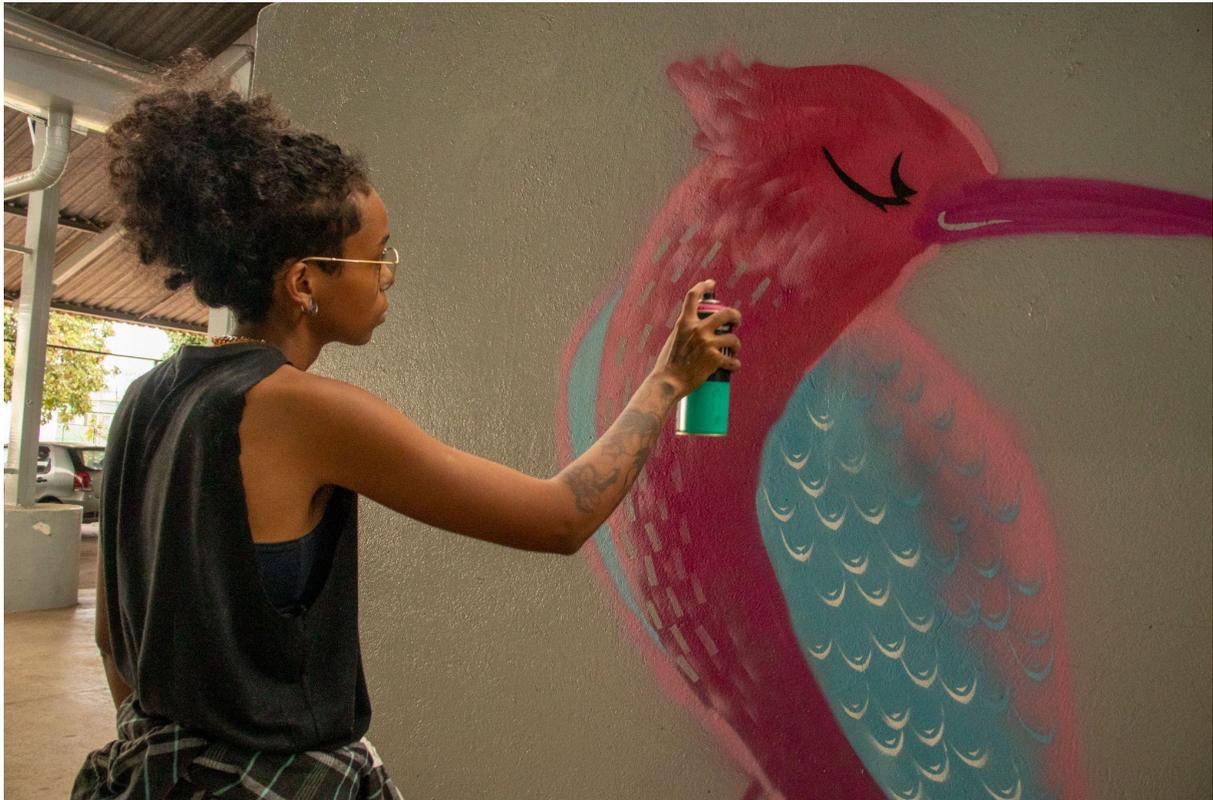


Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

### Aula 5:

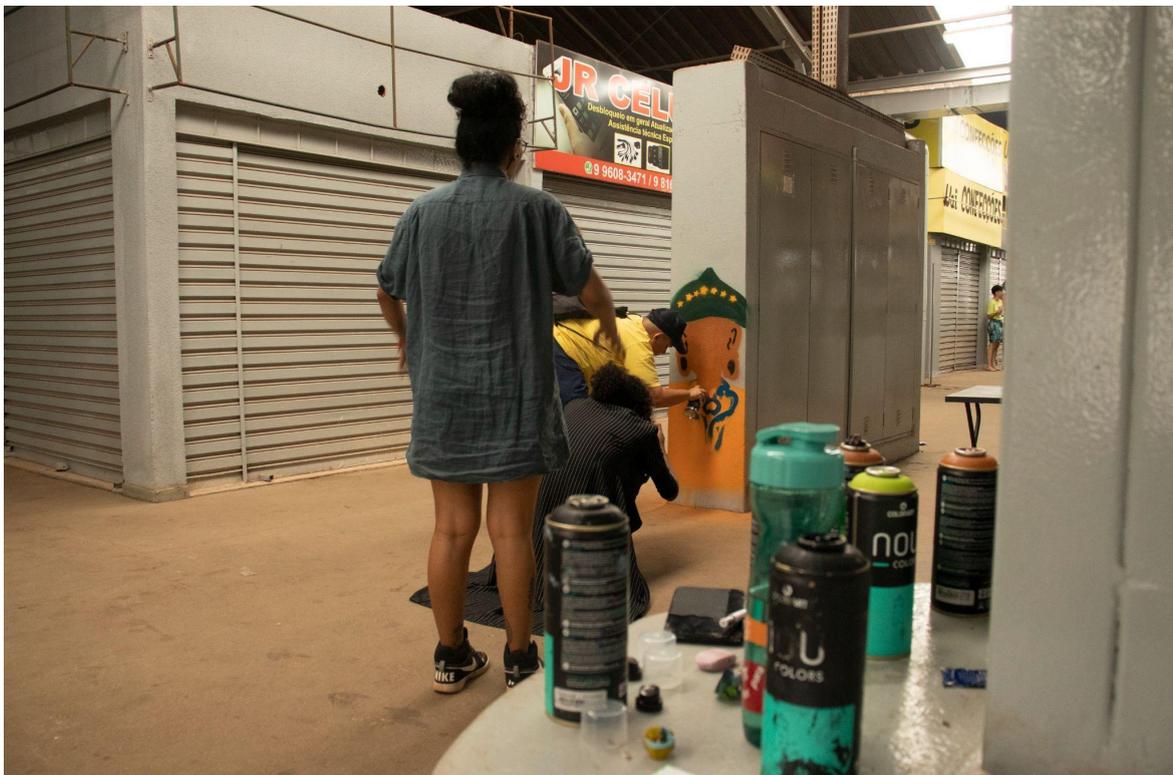
Realização de prática de intervenção em locais de interesse turístico: murais na feira permanente 202 de samambaia.

**Figura 23: Estudante Dani desenha um colibri azul e rosa utilizando princípios do estilo realista no graffiti.**



Fonte: Arquivo Graffiti!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 24: Em primeiro plano estão latinhas de spray. Estudantes realizam graffiti na caixa de energia da feira permanente.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 25: Graffiti de Kaus Total. Persona pretinha com bigode fininho, cheia um buquê de flores. Seus cabelos formam a palavra "transformação".**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

### **Aula 6:**

Realização de prática de intervenção em locais de interesse turístico: muro da praça na quadra 202 de Samambaia Norte.

**Figura 26: Foto de equipe e participantes em frente ao muro azul que recebeu a intervenção. Diadorim segura banner contendo a ficha técnica do projeto.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 27: Estudantes realizam seus bombs no muro em diálogo com a comunidade, que pode ser vista na foto assistindo a pintura do muro.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

**Figura 28: Equipe e estudantes estão sentados na calçada em frente a parede revitalizada pelo grupo.**



Fonte: Arquivo Grafita!Trans, março de 2023, Samambaia - DF.

#### **4. DESDOBRAMENTOS DAS INTERVENÇÕES DO GRAFITA! NO ESPAÇO-TEMPO**

Para que se possa “ver” e “sentir” o espaço, torna-se necessário situar-se. (DAMATTA, 1997, p. 3).

Damatta sinaliza que em contato com sistemas sociais diferentes, tomamos maior consciência das limitações de nossas visões de mundo. Esse contato ou conflito é dicotômico e reproduzido diversas vezes em nossa sociedade, que devido à colonização procura sempre enquadrar os sujeitos dessas situações em “bem” e “mal”, sendo o bem associado à família, aquilo que é conhecido, juridicamente aprovado e religiosamente aceito, enquanto o mal seria tudo que não se encaixaria nesse julgamento de *castidade conceitual*.

De fato, vale lembrar que, nas rotinas de sociedades assim constituídas, tudo é individual: cadeiras para o cinema e o teatro, ônibus, avião e locais de refeição. As cabines telefônicas também são individuais, bem como a maioria dos aparelhos domésticos e de mesa. Mas é importante constatar como o momento extraordinário nos transforma em seres exemplarmente coletivos: ou somos dupla ou somos torcida, partido,

público, multidão. São essas possibilidades de transformação que criam focos diferenciados, fazendo com que se possa viver como algo novo, excitante ou rotineiro as diversas situações sociais. São elas também que inventam as modificações sociais que chamamos de "rituais" ou "extraordinárias", e se constituem, às vezes, nos pólos privilegiados de mudanças sociais duradouras e historicamente importantes. (DAMATTA, 1997, p. 12)

A transgeneridade, o Hip-Hop, e tudo que se associa às duas comunidades foram historicamente enquadrados naquilo que seria mal: proibido, expelido ou reprimido na sociedade Brasileira. A travesti e o grafiteiro, com suas expressões e ações, dissolvem a separação do espaço da rua e da casa. Não se escondem, ou se escondem para se exhibir maiores. Não se contentam em fazer funcionar a engrenagem: zombam dela. E fazem isso com elegância sem igual em uma sociedade que é muito conservadora em seus rituais e costumes. Afinal, o conceito de tempo homogeneizado que serve ao Capital é aquilo que faz a manutenção dessa alienação coletiva dos costumes e desejos dessa sociedade e mantém todas as expressões de existência diferentes apartadas do que podemos chamar de cidadania.

O conservadorismo/colonialismo ainda precisa desse embate: precisa distanciar os sujeitos das culturas vivas da mesma forma que precisa que eles existam e se aproximem do seu "rebanho", pois mantém a coesão através do terror de um inimigo em comum (DAMATTA, 1997), daquele sujeito que viola os conceitos sagrados de casa e rua, dissolvendo os dois sentidos, misturando tais significados tão canônicos. Fazendo da rua uma casa e da casa um pedaço de rua. O conflito está aí: criado pela hegemonia do tempo como instrumento de dominação dos espaços em um embate com a heresia dos outros tempos que se bordam nas margens dessa sociedade, desde sempre, cíclicos como a própria natureza, e pautados na celebração do prazer, do gozo, da realização do desejo.

Talvez a melhor maneira de colocar a questão seja perguntar-se se a estratégia de reconfiguração da experiência sensível através do cultivo e uso dos prazeres pode ter, de fato, forte potência na atual política de transformação, como apostava Foucault no início dos anos 1980. Nesse sentido, há um ponto que deve ser explorado. Pois a temática do cuidado de si e do uso dos prazeres pressupõe a possibilidade de *reconstituição de relações de autopertencimento*, tão presente na análise foucaultiana dos estoicos e dos cínicos. O que não poderia ser diferente, já que *o prazer é o índice fundamental de pertencimento de si, do estar sob a jurisdição de si mesmo em uma confirmação de sua própria potência.* (SAFATLE, 2017)

Assim, o turismo enquanto exercício do prazer e do desejo de transformação e de encontro com o pertencimento de si se molda também como um possível caminho para contrapor o regime liberal e promover resistência contra a necropolítica vigente. A criação desses caminhos de vida, mais do que de sobrevivência, não encontra poucos obstáculos, visto que também é uma Práxis de rompimento. De habitar a borda do mundo.

Não seria preciso insistir em que as unidades de tempo só podem ser visíveis como tal porque estão ligadas a alguma atividade socialmente bem marcada. (DAMATTA, 1997). O Graffiti e a transgeneridade são fatos que demarcam um outro tempo, anterior, posterior e ao mesmo tempo alheio aos códigos demarcados pelo sistema dominante.

Não há dúvidas de que é isso que inventa o tempo e o espaço como categorias sociológicas e não mais como conceitos filosóficos dotados de conteúdo homogêneo e único. No caso do tempo, o contraste mais abrangente talvez seja o que pode ser estabelecido entre as rotinas diárias e as situações extraordinárias, anômalas ou fora do comum, mas socialmente programadas e inventadas pela própria sociedade. Estas situações se definem pelo que usualmente chamamos de festas, cerimoniais, rituais, solenidades. Nessas ocasiões há não só uma mudança no modo de conceber e medir a duração, como também se faz uma modificação concomitante no espaço. Realmente, se o tempo ordinário e rotineiro é medido por meio de dias, horas e minutos - a precisão destas unidades sendo mais do que suficiente para a convivência do dia-a-dia na maioria das profissões e rotinas -, num espetáculo esportivo são apenas os segundos que podem contar como unidades 26 absolutamente determinantes para o desenrolar e o resultado do cerimonial. Vejam o que ocorre numa corrida de cem metros rasos... Do mesmo modo, num filme ou numa peça de teatro, as unidades de medidas são emocionais. O tempo medido e quantificado é substituído por uma duração vivida e concebida como emocional. Não se fala mais em horas ou minutos, mas naquele momento que as lágrimas produziram o silêncio e os suspiros mediram a grande cena final... Já nos grandes festivais populares, os dias é que podem ser as unidades de duração mais significativas. A idéia de tempo muda e, com ela, há uma notável variação de suas unidades. O que revela a sua natureza social e, ainda, a sua capacidade de variação. Mesmo num sistema imbuído de um tempo altamente hegemônico, as unidades de duração inefável podem ganhar uma importância primordial. (DAMATTA, 1997, p. 10)

E o tempo da arte, da performance do corpo, da lembrança, do sonho, se tornam o tempo de uma ação feita por um sujeito que se coloca no enlace desses mundos: do tempo gregoriano que não pode ser ignorado no jogo de perseguição policial. Contra, a resistência da cultura marginal, e do tempo mágico onde se acessa a plenitude de ser. Habitar esses vários lugares é ser e agir como entremeio, encruzilhada, muitos e monstros enquanto alegorias que são impostas a nós. É se empoderar e sobreviver através desses signos.

O turismo, para mim, é a arte do exercício do desejo. Da transformação de si. De ir além das fronteiras físicas, mas principalmente daquelas mentais para conhecer novos horizontes. Assim o grafite tem o potencial de elevar o morador, a pessoa que transita pela rua, para um estado de contemplação semelhante ao que se tem ao viajar e contemplar um monumento turístico: o estado de se encontrar diante de algo extraordinário.

Dado o histórico de segregação social nas cidades do DF, onde o acesso a cultura e as obras de arte são privilégios exclusivos do Plano Piloto, como bem disse Loba Makua em "Direito a Cidade: Meu artigo LOMBR4", as histórias que transcendem o

mito da capital são recorrentemente apagadas enquanto parte de um projeto de necropolítica e de manipulação da própria memória dos habitantes da cidade:

Essa confluência entre os territórios, expõe algumas nuances para quem nasce aqui no DF. É se sentir um ser multimilenar, e a escola ensinar que tudo só tem sessenta anos. A noção de tempo é distorcida, e associada a rejeição sutil do nosso passado pelos nossos primeiros ancestrais. Acaba tendo a sensação que esse nosso corpo-registro não pertence nem a este nem a outro lugar. Não somos o lugar de onde nossos pais vieram, tampouco, o que habitamos. Sem lugar, é ainda mais fácil se perder. É uma estratégia do sistema apagar os totens históricos das quebradas do DF, sejam elas olarias, casarões, terras indígenas, quilombos, árvores ancestrais, sem esses lugares de memória, não cria a imagética de que o tempo que conta nossa história, é outro, e não começa com Brasília. (MAKUA, 2022)

A despessoalização da rua para com seus habitantes é combatida através das várias modalidades de arte de rua. Propagadas por sujeitos marginais e marcadas pela transformação do tempo-espço, são a ação de abertura de uma fenda onde os tabus não interpretam mais o papel principal das interações dos sujeitos. É um lugar de combate, para antes do lugar de resistência. A disputa de narrativas é manipulada para o lado que possui poder e o medo a seu favor. Mas o grafite, por outro lado, tem a magia do desejo impressa em suas moléculas, e desperta nas pessoas memórias bem mais antigas que os sistemas de opressão vigente. Esse trabalho de unir turismo e graffiti procura conduzir artistas e o público para um estado de espírito que nos permita imaginarmos futuros onde a violência não seja a pauta recorrente ao falarmos de direito a cidade. Onde a diversidade do povo tenha acesso cidadão à rua, e ela reflita as memórias culturais de seus muros de forma orgulhosa.

## **5. CONCLUSÃO**

Esse trabalho mostrou que é possível fomentar o turismo de forma inovadora através de intervenções urbanas que marcam a transformação das imagens coletivas e conscientizam comunidades diversas em prol da aceitação da diversidade. Criamos um ambiente onde foi possível estimular saúde mental, física, a economia criativa, a arte, a educação social, entre outros fatores psicossomáticos fundamentais para que uma pessoa se empodere do direito de se ver como cidadão e tenha mais ferramentas para combater as desordens emocionais, psicológicas e sociais que a transfobia impõe, e através da construção de redes de afeto e trabalho subvertemos narrativas estruturais que nos relega a solidão, pobreza e a diversos tipos de morte físicas e simbólicas, que não deixam de ser cotidianas, mas não mais resumem a realidade desses corpos.

E onde estão as pessoas trans no Turismo? Em todos os lugares. Talvez elas não estejam sendo reconhecidas e admiradas. Ainda. Espero que essa monografia seja um dos vários instrumentos que podem ser utilizados para ajudar a mudar essa realidade.

O potencial sociotransformador investigado foi colocado em prática e conseguiu unir participantes e comunidade em uma experiência transformadora e afetiva. A memória de pessoas trans está demarcada em Samambaia, e a TransCrew está se estruturando para fortalecer mais os marcos realizados e fomentar novas oportunidades coletivas de resistência através das suas artes.

Graças aos conhecimentos transversais que a universidade me proporcionou foi possível materializar os processos de realização desse evento muito significativo para a vida dos envolvidos, para a história da cena do graffiti e para as pessoas trans no DF. Fica concluído também que o turismo LGBT não é um segmento uniforme e exclusionista. Essa pesquisa e estudo de caso são uma das inúmeras formas com que o turismo pode ser desenvolvido fora dos moldes neoliberais de exotificação, exploração e lucro. Aqui, o turismo se torna mais um elemento da experiência cultural que transforma a sociedade e fica impressa na arquitetura da cidade.

As pessoas que receberam a oficina e vários integrantes da equipe tiveram o interesse de se juntar a TRANSCREW, que existe desde 2016, mas nunca teve mais que dois grafiteiros simultaneamente atuantes nas intervenções de rua. Em abril de 2023, o grupo tinha 20 novos integrantes, e o Distrito Federal chega nas comemorações do cinquentenário do Hip-Hop como o maior Polo de Graffiti Trans Nacional.

Os pontos turísticos revitalizados em samambaia, além de suas próprias historiografias no mosaico dessa RA, com a pintura passaram a representar toda essa história de 50 anos pela conquista de uma autonomia maior para que pessoas trans pudessem ocupar as ruas e os lugares da sociedade de forma menos estigmatizada.

Mais do que um marco para as pessoas trans de todo o território brasileiro, esses monumentos atuam como um processo de intervenção pedagógica tomando o espaço urbano e fazendo com que a experiência de se acostumar com o diferente se torne uma provocação cotidiana, retirando o transeunte do estado de letargia cotidiano e criando o desejo por conhecer o diferente, sair da sua zona de conforto.

Utilizei da melhor forma que pude e de acordo com as circunstâncias os conhecimentos adquiridos trabalhando em eventos e estudando dentro da academia, para transpor os muros da universidade e contribuir com o combate a desigualdades sociais. Acredito que o espírito de toda a pesquisa científica deveria

ser este: não o de tentar definir e ditar a sociedade, mas de documentar o seu trabalho para contribuir com a melhora interseccional da mesma.

A linha de pensamento aqui sequenciada pode ser terreno fértil para futuros trabalhos acadêmicos, meus e de meus colegas. É importante mais do que lembrar os ataques históricos, resgatar e registrar as inúmeras histórias de resistência cotidianas e extraordinárias que criam o nosso próprio tempo espiralado.

Mas ao término desse trabalho, tenho muito mais perguntas do que quando comecei. Por isso também que sinto que construí um fascinante processo científico ao longo dessa caminhada na universidade e no parimento dessa monografia. Eu quero ir atrás das perguntas. Seja dentro ou fora das páginas.

## **6. BIBLIOGRAFIA**

**ALICE JUNIOR. Direção: Gil Baroni. Produção Andréa Tomeleri. Distribuição: Olhar Distribuição, 2019.**

**ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais). DOSSIÊ: Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais no Brasil em 2018. Organizadoras: Bruna Benevides e Sayonara Nogueira. Antra/Distrito Drag/IBTE, Brasília, 2019.**

**ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. Geração Editorial 9ª ed. São Paulo, 2014.**

**AZEVEDO, Anna. Utopias Mapuches Não Binárias. Contemporary e America Latina. 2021. Disponível em: <<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/mapuche-non-binary-utopi-as-catrileo-carrion/>>**

**BHAKTIVEDANTA, Swami Prabhupada. SRIMAD BHAGAVATAM: com um breve esboço da vida do senhor Sri Caitanya Mahaprabhu, o pregador ideal do bhagavata-dharma e o texto sânscrito original, sua tradução latina, sinônimos, tradução e significados elaborados. The Bhaktivedanta Book Trust, 1985.**

**BENEVIDES; NOGUEIRA. Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, IBTE, 2019.**

**CAVALCANTI; BARBOSA; BICALHO. Os tentáculos da tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. Psicologia: Ciência e Profissão 2018 v. 38 (núm.esp.2.), 175-191**

**COSTA; PIMENTEL. Os Fatores Internos Condicionantes do Planejamento Turístico Local. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul, 2012.**

**D'ÉVREUX, Yves. "Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614". São Luís, 1874 [1615].**

**DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1997.**

**DE JESUS, Jackeline Gomes. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. Revista Docência e cibercultura, 2019.**

**FAUSTO-STERLING, A. The five sexes, revisited. The Sciences, 2000.**

**GOÉS, Luciano. A “tradução” do paradigma etiológico de criminologia no Brasil: um diálogo entre Cesare Lombroso e Nina Rodrigues da perspectiva centro-margem. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas. Programa de Pós Graduação em Direito. Florianópolis, 2015.**

**GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa). Pessoas Trans nas Universidades Federais do Brasil. Disponível em: <<https://gema.iesp.uerj.br/infografico/pessoas-trans-nas-universidades-federais-do-brasil/>>**

**GUIMELLI, C. Transformação das representações sociais, novas práticas e esquemas cognitivos de base. Trad. José Delfino S. L. Do original: GUIMELLI, Ch. Transformation des représentations sociales, pratiques nouvelles et schèmes cognitifs de base. In: C. GUIMELLI. Structures et transformations des représentations sociales. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994, p.171-198.**

**JACT (Joint Association of Classical Teachers). Aprendendo Grego: a edição brasileira do *Reading Greek*; tradução de Luiz Alberto Machado Cabral e Cecilia Bertalotti. Odysseus Editora. São Paulo, 2014.**

**KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. Companhia das Letras, 2019.**

**KRIPPENDORF, Jost. SOCIOLOGIA DO TURISMO: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Editora Aleph. São Paulo, 2000.**

**LACARRIÈRE, Jacques. GRÉCIA: Um Olhar Amoroso. *Dictionnaire Amoureux de la Grèce*. Tradução de Irene Ernest Dias e Véra dos Reis. Ediouro Publicações S.A. Rio de Janeiro, 2003.**

**LAQUEUR, T.W. Making Sex: body and gender from the Greeks to Freud. Harvard University Press. Cambridge, 1990.**

**Makua, Loba. Direito a Cidade: Meu Artigo LOMBR4. Disponível no Soundcloud e publicado no livro Pangeia - Entre Elos - Palavra de mulher, do projeto Tear e Poesia (SP) em março de 2022.**

**MATIUSSO; REIS. Mandarin, simples assim. Instituto Confúcio na UNESP. 2020. Disponível em: <<https://www.institutoconfucio.com.br/mandarim-simples-assim/>>**

**MONARETTO; PIRES. O que aconteceu com o Gênero Neutro Latino? Mudança da Estrutura Morfosintática do Sistema Flexional Nominal Durante a Dialeção do Latim ao Português Atual. Revista Mundo Antigo - Ano I, V.01, N.02, 2012.**

**MOORE, Henrietta. COMPREENDENDO SEXO E GÊNERO. Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões.**

**MORANDO, Luiz . Ser homem trans no Brasil no começo do século XX; o caso Dorival Reples. In: Marco Aurélio Máximo Prado; Rafaela Vasconcelos Freitas. (Org.). Travestilidades em diálogo na pista acadêmica. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, v. 1, p. 401-414.**

**MORTE E VIDA DE MARSHA P. JOHNSON. Direção: David France. Produção e distribuição Netflix e Public Square Films, 2017.**

**NYN, João. Tybyra: Uma tragédia indígena brasileira (Teatro de Retomada). João Nyn/ selo do burro. 1ª edição, 2020.**

**PRECIADO, Paulo. Testojunkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. N-1 Edições: 2018.**

**Primeiro código Penal do Império do Brasil Disponível em: >[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm)< 16 de dezembro de 1830. Capítulo VII.**

**Quijano, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.**

**Rea; Paradis; Amancio. Traduzindo a África Queer. Editora Devires 1ª ed. Salvador, 2018.**

**Relato de transfobia de Abigail Campos. Disponível em: >[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=996101350786625&id=100011603074624&rdc=1&rdr](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=996101350786625&id=100011603074624&rdc=1&rdr)< 29 de novembro de 2019.**

**SAFATLE, Vladmir. Vida Vício Virtude - Para além da sexualidade: Foucault e a liberdade como autopertenciamento. In: Aduauto Novaes. (Org.). Mutações: Entre dois Mundos. 1ed.São Paulo: Edições Sesc, 2017**

**SEGATO, Rita. Género, política e hibridismo en la transnacionalización de la cultura Yoruba.2003.**

**SENKEVICS; POLIDORO. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. Revista da Biologia. 2012.**

**SERAFIM, Rafael Luz. TURISMO LGBT: Outros olhares que vão além de uma visão econômica/mercadológica. Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como parte das exigências à obtenção do grau de Bacharel em Turismo, sob orientação da Profa. Ma. Livia Cristina Barros da Silva Wiesinieski. Brasília, 2017.**